



## **Perspectiva de Inclusão Comunitária Rural a Partir do Experimento Audiovisual<sup>1</sup>**

Ingrid Gomes<sup>2</sup>

Karina Ferreira Mamede<sup>3</sup>

Marcela Ferreira Oliveira<sup>4</sup>

Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG

### **RESUMO**

A presente comunicação é resultado teórico-reflexivo-prático da produção audiovisual do documentário Curauzinho, referente ao projeto de Cultura e Reforma Agrária de Uberlândia (Curau), desenvolvido ao longo do segundo semestre letivo de 2013 da Universidade Federal de Uberlândia. Foram realizadas entrevistas com os camponeses/assentados, e os parceiros do projeto no Centro de Incubação de Empreendimentos Populares Solidários (Cieps), grupos Periferarte e Artimanha, além das coberturas nos eventos culturais realizadas no semestre, nos Assentamentos do Emiliano Zapata e entorno. O método de aplicação foram as entrevistas abertas e semi-abertas (DUARTE, 2006) e a etnografia na comunicação (TRAVANCAS, 2006). Como resultados alcançados pontuam-se as considerações do recurso audiovisual como estética facilitadora na visualização da imagem rural dos assentados e as possíveis representações identitárias de recuperação da memória rural pelos mesmos.

**Palavras-chave:** Documentário; Projeto Curau; Assentamentos; Emiliano Zapata-Uberlândia.

### **Introdução**

O artigo será sistematizado da seguinte forma: exposição sobre do Curau e da produção do Projeto; breve explicação do estado da arte (revisão de literatura sobre o tema de comunicação comunitária/cidadã e correlatos); descrição da metodologia utilizada para a produção do documentário; apresentação do documentário (das etapas de execução) e os pontos a serem considerações levantadas pela equipe<sup>5</sup>.

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho da V Conferência Sul-Americana e X Conferência Brasileira de Mídia Cidadã;

<sup>2</sup> Jornalista, pesquisadora e docente de Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Pós-graduada em Globalização e Cultura pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, Mestre e Doutora em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo, e-mail: [ingridgomessp@yahoo.com.br](mailto:ingridgomessp@yahoo.com.br);

<sup>3</sup> Profissional. Graduada em Comunicação Social-Jornalismo, pela UFU, na Faculdade de Educação (Faced), e-mail: [karinaf.mamede@gmail.com](mailto:karinaf.mamede@gmail.com);

<sup>4</sup> Profissional. Graduada em Administração, pela UFU, na Faculdade de Gestão e Negócios (Fagen), e-mail: [marcelaferoli@gmail.com](mailto:marcelaferoli@gmail.com).

<sup>5</sup> Ficha técnica do documentário: Produção executiva Cieps-UFU, Gerenciamento institucional do Cieps: Neiva Flávia de Oliveira, Coordenador de Comunicação: Eduardo Fernandes, Roteiro: Ingrid Gomes, Karina Mamede e Marcela Oliveira, Produção de entrevistas: Eduardo Fernandes, Karina Mamede e Marcela Oliveira, Produção



---

O tema do artigo está intrinsecamente ligado à questão do acesso a cultura. Ao visitarmos os assentamentos de Uberlândia e região, notamos que as questões econômicas e a distância entre as comunidades da zona rural com os centros urbanos, correspondiam como complicadores para que os camponeses tivessem contato com atividades culturais. Observamos as questões mencionadas a partir dos trabalhos desenvolvidos pelo Cieps.

Desenvolvem-se no centro de incubação, ações voltadas para o fortalecimento de empreendimentos econômicos solidários autogestionários, que articulam as políticas públicas com a finalidade de gerar trabalho e renda para grupos vulneráveis proferindo a inclusão socioeconômica dos trabalhadores e promoção do desenvolvimento dos grupos com assessoria jurídica, contábil, administrativa, zootécnica, agrônômica e gestão ambiental. Dessa forma, o Cieps atende os empreendimentos da coleta seletiva da cidade de Uberlândia e dos assentamentos com a agricultura familiar.

À vista disso, com o contato aos grupos rurais, observamos a carência de atividades culturais nas comunidades assentadas, daí a necessidade de desenvolver o Coletivo de Cultura, para levar capoeira, danças, poesias, contos e teatro, trabalhando em uma vertente distinta do Coletivo da Coleta Seletiva e do Coletivo da Agricultura Familiar e Camponesa, pois levamos efetivamente as atividades culturais para os agricultores.

A primeira ação do Coletivo de Cultura do Cieps foi o desenvolvimento do projeto Curau, com a proposta de levar oficinas e mostras para os assentamentos da região. No entanto, para que conseguíssemos alinhar a organização das atividades de modo a atender com eficiência os camponeses, criamos o Curauzinho, o projeto piloto do Curau; principalmente para ganharmos visibilidade para investimento no Projeto pela Universidade e por parceiros.

Dessas acepções, selecionamos o assentamento Emiliano Zapata como sede do projeto e disponibilizamos ônibus para buscar os assentados que residem no entorno. Assim, as atividades iniciaram-se no dia 31 de agosto, estendendo-se até 12 de outubro de 2013, e eram desenvolvidas nos sábados, com uma periodicidade quinzenal.

Considerando a exiguidade de atividades culturais nas comunidades rurais carentes, desenvolvidas no piloto Curauzinho, selecionamos como forma de registro das ações desenvolvidas, o pré-documentário “Projeto piloto de ações culturais nos assentamentos de



Uberlândia”. Este se justifica pela necessidade de avaliar o impacto e as modificações necessárias para que o Curau atendesse efetivamente os grupos assentados.

O documentário apresentou o Artimanha, formado por estudantes do curso de Direito da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e o Periferarte grupo que atende com ações culturais crianças e adolescentes da região periférica de Uberlândia, com entrevistas dos membros coordenadores. O passo seguinte do “Projeto piloto de ações culturais nos assentamentos de Uberlândia” foi a captação do depoimento do apoiador do projeto Curau, Deputado Federal Padre João, dos camponeses e de algumas crianças que participaram das atividades, estas que afirmaram o desejo de que o projeto se tornasse uma realidade em suas vidas<sup>6</sup>. Concomitante com as entrevistas apresentamos o vídeo e fotografias das atividades.

### **Revisão da literatura**

Visto que o projeto foi desenvolvido em uma comunidade assentada, é importante ressaltar que o propósito para a seleção da região de Uberlândia ocorre pelo fato da cidade ocupar o primeiro lugar em número de assentamentos no Triângulo Mineiro, sendo o quarto no estado de Minas Gerais, segundo Maywald (2011).

O primeiro assentamento rural criado no município de Uberlândia foi PA Rio das Pedras, considerado ainda um dos maiores assentamentos rurais da região, tendo sido criado no primeiro mandato do Governo FHC. Entretanto, a maior parte dos assentamentos rurais localizados no município tiveram sua criação no primeiro e segundo mandato do Governo Lula (MAYWALD, 2011, p. 40 – 41).

Partindo dessa perspectiva, selecionamos o assentamento Emiliano Zapata (sede do Curauzinho) e entorno (Canudos, Flávia Nunes, Eldorado dos Carajás, acampamento Fazenda Formosa e Duas Estrelas), uma vez que a comunidade é incubada pelo Cieps por trabalhar Agricultura Familiar e Camponesa, pautado no conceito de economia solidária. Vale ressaltar, também, o número de grupos localizados nas comunidades, singelo se comparado ao território nacional e até mesmo a quantidade de famílias existentes nos 15 assentamentos do município de Uberlândia (MAYWALD, 2011), mas que contemplam notável representatividade regional.

---

<sup>6</sup> No último dia 26 de março de 2015 foi realizado no auditório 3Q da Universidade Federal de Uberlândia, a inauguração do projeto Curau, com a presença de 100 pessoas, dentre elas, 80 crianças e adolescentes, que moram na área rural e residem nos entornos dos assentamentos Eldorado dos Carajás e Tangará, onde serão realizadas as oficinas do Projeto. As oficinas serão semanais, aos sábados, de 04 de abril à 07 de novembro de 2015, com apoio do Cieps, ementa parlamentar e parcerias de incentivo à cultura. O intuito é capacitar os participantes para que até o final do Curau as comunidades locais consigam dar andamento e representar-se culturalmente.

---

Posto a delimitação do local para realização do Curauzinho, a inquietação seguinte referia-se à maneira de registrar as ações, assim, o formato adotado para relatar as atividades – projeto de cultura para os assentamentos –, todas as atuações desenvolvidas e opiniões dos moradores da comunidade camponesa e visitantes, concretiza-se na construção do documentário.

A maneira selecionada para registrar o Curauzinho, ocorreu pelo fato de que a utilização do molde audiovisual possibilita a captação de imagens, sons e expressões, dessa forma, acreditamos que a própria construção do material com a ligação dos depoimentos, vídeos e fotografias, constrói um sentido de aproximação com os envolvidos. Em outras palavras, à vista das menções de Zandonade e Fagundes (2003, p. 59) referentes ao formato documentário, define-o como “[...] o método de registrar os acontecimentos, para que, dessa forma, captasse as peculiaridades de cada indivíduo e o valorizasse como pessoa”.

A partir das reflexões supracitadas, e da justificativa para utilizar o documentário, torna-se relevante abordar teóricos da área de comunicação que trabalham com o conceito de jornalismo de resistência, que praticamente tem o mesmo cunho do antigo jornalismo alternativo, entretanto sem a postura de contraposição ao regime militar da época de 1964 no Brasil.

Para Felipe Pena (2005) é possível exercer um jornalismo de resistência de várias maneiras, por exemplo o jornalista que trabalha nas grandes redações dos megaconglomerados de mídia pode ter uma postura mais justa socialmente encarando seu público como cidadão e não apenas como consumidor da mídia a qual está escrevendo um fato, pois na visão de Pena o próprio jornalista é um ator político em seu sentido amplo. Um outro meio é trabalhar em veículos alternativos, o que propõe uma visão de mudança radical mesmo, em que deve levantar a bandeira da entidade, organização, veículo entre outros.

A outra forma de atuar como jornalista de resistência é defendendo ideias específicas em veículos que assumem claramente suas posições. É o caso de jornais de partidos, sindicatos ou ONGS. Nesse caso, a mensagem confunde-se com a própria ideologia do grupo. O engajamento é direto e predefinido. Há ideias discutidas a priori e sua divulgação é a própria razão para a existência dos referidos jornais. Eles são uma forma de militância e tradução de preceitos políticos. (PENA, 2005).

Portanto para Pena uma ramificação do jornalismo de resistência é colocar o ativismo caminhando junto com o jornalismo. Nesse sentido o projeto desenvolvido no assentamento Emiliano Zapata, localizado nas proximidades de Uberlândia (Brasil) têm essa peculiaridade



de ativista, pois a equipe do Coletivo de Cultura do Cieps trabalha por uma causa social engajada, amadurecer o elo entre sociedade urbana e rural (especificamente daqueles provenientes de uma luta social para a conquista da terra), redefinindo um novo olhar sob a exclusão deste público em atividades culturais.

Os pesquisadores da área de comunicação voltada para a cidadania, dialogam com a afirmação que a comunicação deve instigar a mobilização social, e que as características dessa proposta devem ser condizentes a um projeto ético, além de apresentar traços democráticos em detrimento de uma comunicação manipulada, autoritária, unidirecional e paternalista. Portanto, como afirma o pesquisador Marcio Henriques:

A comunicação, como uma coordenação de ações, é capaz de cumprir com esta proposta ética, sendo adequada à mobilização social. Ela é capaz de desempenhar a função de gerar e manter canais desobstruídos entre públicos e projeto, para que se estabeleçam e sejam mantidos vínculos fortes entre os mesmos. Para que esta coordenação de ações se estabeleça, é necessário que a comunicação possua alguns atributos que possam manifestar sua proposta ética. Pose-se dizer que a comunicação adequada à mobilização social é, antes de tudo, dialógica, libertadora e educativa (2004, p. 25).

E por último o caráter educativo do projeto é típico de uma estrutura libertadora/emancipatória e de uma comunicação dialógica. Segundo Henriques, “[...] adotando um caráter educativo, a comunicação deve gerar referências para a ação e para a mudança de atitudes e mentalidades nos indivíduos”. (HENRIQUES, 2004, p.28). Esse é um fator central das características de ação do projeto desenvolvido pelo Coletivo de Cultura do Cieps, que dentre sua organização comunicacional volta-se ao bem social, praticando no seu dia a dia mudança, na perspectiva de incentivar a prática de atividades de culturais, bem como a união e interação entre os assentados da região. Numa luta constante de busca de recursos financeiros, apoios e outros incentivos.

A partir dessa reflexão, cabe-nos discorrer sobre o tema cidadania, que guia os conceitos de jornalismo de resistência supracitados. Assim, a autora Covre (2006) faz uma análise deste conceito, afirmando que ser cidadão significa possuir direitos e deveres, ser súdito mas também ser soberano. A análise da autora foi pautada na Carta de Direitos da Organização das Nações Unidas (ONU), escrita em 1948, que por sua vez, fundamenta a proposta de que cidadania é a visão de todos os homens são iguais perante a lei, ou seja, não deve existir discriminação de cor, raça ou credo. Além disso, a carta descreve que a cidadania engloba o domínio que cada indivíduo possui sobre sua vida e seu corpo, e, também, o direito de ter acesso à educação, habitação, lazer e saúde. E por fim, exercer a cidadania também é



“expressar-se livremente, militar em partidos políticos e sindicatos, fomentar movimentos sociais, lutar por seus valores. Enfim, o direito de ter uma vida digna de ser homem” ONU (1948, *apud*, COVRE, 2006, p. 9).

Os estudos dessa autora vêm ao encontro de nossos anseios, no sentido de mostrar que essas propostas descritas pela ONU em meados da década de 40, são dificilmente efetivadas na nossa sociedade. Para Covre (2006), muitas vezes os indivíduos negligenciam o fato de que eles próprios podem exigir esses direitos, pautando-se na Constituição do país. Nesse sentido, a autora ressalta que cidadania é um direito que deve ser construído em comunidade, buscando não só o atendimento das necessidades básicas, mas focando-se também em um nível de existência mais abrangente: a cultura e o estado de lazer e entretenimento.

Segundo o autor Arroyo (1982), esse problema advém da carga cultural histórica do país, em que a má expansão da instrução básica dos direitos humanos persiste com o passar dos anos, apesar de existir consideráveis avanços econômicos e da modernização sócio-cultural da sociedade brasileira.

Assim, ainda segundo o autor, esse problema, a dificuldade da efetivação da cidadania em classes subalternas nacionais, pode ser exemplificado na questão da diferença de como a cidadania é trabalhada em comunidades urbanas (trabalhadores da cidade) e em comunidades rurais (trabalhadores no campo). Isso ocorre, pois as comunidades rurais possuem aspirações de cidadania (igualdade social, liberdade política, de direito ao trabalho, à terra, à associação, à saúde, educação e lazer) diferentes das comunidades urbanas, o que muitas vezes exclui os camponeses em alguns projetos e programas governamentais difundidos na cidade, como o direito ao lazer e cultura, por exemplo.

Há, portanto, segundo o autor Arroyo (1982), um caráter excludente da economia e do Estado, em contrapartida, também cresce a consciência em certas lideranças assentadas para superar tais exclusões, o que justifica a incorporação das classes populares em um projeto cultural, como ocorreu no projeto de cultura Curauzinho.

Tendo em vista o Curauzinho enquanto relevância cultural, como canal entre os conceitos sociais com o cotidiano das comunidades rurais, as ações nos assentamentos de Uberlândia foram propulsionadas com a finalidade de realizar um resgate histórico dos camponeses, que a partir dos processos de urbanização no Brasil, desligam-se do campo em busca de outras vantagens vislumbradas nas cidades.

Vivemos a sociedade da informação, que expande cada vez mais seus limites de alcance. O homem da colônia sofre com isso, pois através das fortes

---

intervenções do mundo globalizado, do contato com o meio urbano e das novas tecnologias que estão adentrando as fronteiras rurais, ele se torna parte de uma outra cultura, a qual obriga o colono a se desvincular de seus costumes e princípios. Ao viver fortes mudanças, ele acaba não as percebendo, ou achando que deve encarar estas alterações de forma natural, e que necessariamente serão incorporadas, pois os seus valores já estariam obsoletos (BRAGA; POLLI; ESPEIORIN, 2009, p. 10).

Considerando as questões culturais como principais mantenedoras dos indivíduos no campo, torna-se relevante trazer o conceito básico de cultura, ante aos atributos adquiridos pelos homens que os caracterizam pertencentes ao campo social.

O fenômeno da cultura ocupa um espaço privilegiado em todas as teorias sociais. Apesar das diferentes perspectivas sobre o que ela é de facto, há o entendimento geral de que se trata de um domínio do sentido da actividade humana. Este é um domínio simbólico: não é acção pura mas sim, em função do que nos movemos e se estabelecem determinadas relações (GONÇALVES, 1998, p. 2).

Além da cultura, que os indivíduos têm direito enquanto seres sociais, questões comunitárias e de cidadania foram abordados, juntamente com o auxílio do jornalismo enquanto comunicador social, quesitos que pontuam o objeto de estudo da presente comunicação.

Desenvolveu-se uma reflexão sobre a produção do documentário Curauzinho, utilizando a metodologia de entrevistas abertas e semi-abertas de Jorge Duarte (2006, p.62) e os instrumentos da etnografia de campo da antropologia de Isabel Travancas (2006, p.98) para resgatar a historização local dos assentados por meio de suas próprias histórias.

Referente ao tipo de entrevista baseou-se na entrevista tipo “temática” em que aborda um tema, sobre o qual se supõe que o entrevistado tenha condições e autoridade para discorrer. Pode servir para ajudar na compreensão de um problema, expor um ponto de vista, reiterar uma linha editorial com o argumento de autoridade (a validação pelo entrevistado) (DUARTE, p.62-83). Trabalhávamos a temática das intervenções culturais, das oficinas no processo de conversa com os assentados; e os entrevistados abordavam essas questões e acabavam ficando livres para darem outras impressões pessoais, forma livre que ampliava para contextualizações históricas dos mesmos e suas localidades.

Como conceito a entrevista é por excelência expansão da consulta às fontes, que tem como objetivos a coleta de interpretações e a reconstituição de fatos. Na entrevista aberta é exploratória e flexível, a mais utilizada no aprofundamento e na discussão do tema do resgate das histórias dos assentados.



---

Na utilização da antropologia cultural, com o instrumento do diário de campo, do pesquisador no local onde se realiza o processo de captação das informações, há as impressões desse diário a partir das práticas etnográficas com os grupos de assentamentos de Uberlândia. Nas visitas foram identificados anseios de propostas culturais para as crianças e adolescentes que resgatassem as representações positivas de se viver na área rural da cidade, bem como a visualização de vazios culturais de contação de histórias e momentos lúdicos de apreciação de lazer (TRAVANCAS, 2006, p.101).

### **Apresentação do documentário**

Em agosto 2013 a equipe do Cieps visualizou a necessidade de atender um grupo vulnerável da sociedade, os assentamentos provenientes da Reforma Agrária que estão localizados na cidade de Uberlândia, levando para esse público atividades culturais. Já com outras duas preocupações, a primeira de ordem prática, viabilização de parcerias de colaboração financeira (em especial de transporte e alimentação); e a segunda de ordem moral, visávamos um projeto para gerar autonomia aos assentados. Para isso, foi constituída o Coletivo de Cultura, composto pelos integrantes do Cieps. O primeiro projeto criado foi o Curau, mas para averiguar a viabilidade do mesmo, aplicamos um piloto, denominado Curauzinho, que teve como resultado final a produção de um documentário.

O roteiro do documentário “Projeto piloto de ações culturais nos assentamentos de Uberlândia” materializou-se com uma organização demonstrando as atividades, os parceiros envolvidos e o apoiador das ações. No primeiro momento, após a apresentação da logomarca do Cieps e da Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Assuntos Estudantis (Proex) e UFU, apresentamos um poema “Consciência” desenvolvido pelo grupo de teatro Artimanha (parceiro do Coletivo de Cultura), no início das atividades do Curau.

Em seguida, entrevistamos Edson Moura, assentado no Emiliano Zapata, esta seleção se justifica, uma vez que ele esteve presente no processo de luta para a conquista da terra na qual a comunidade reside atualmente. Além disso, Moura cooperou com as ações do Curau, além de ser um parceiro da Associação Camponesa de Produção da Reforma Agrária do Município de Uberlândia (Acampra), projeto desenvolvido pelo Cieps que visa levar para as escolas públicas e para o Restaurante Universitário (RU) verduras, legumes e frutas no viés da economia solidária e agroecologia.

Após o depoimento de Moura, entrevistamos a coordenadora do Cieps, Neiva Flávia de Oliveira, que descreveu como trabalhamos na incubadora – intenção de autogestionar





empreendimentos populares solidários –, dentre outros detalhes gerais do Cieps. Para demonstrar efetivamente como a incubadora se organiza, captamos a fala do Gabriel Muñoz Palafox, que acrescentou com a descrição das ações do Coletivo de Coleta Seletiva e Cristiane Betanho, do Coletivo de Agricultura Familiar e Camponesa, relatando como os agricultores familiares são atendidos, ambos contemplaram o documentário com depoimentos, uma vez que são coordenadores dos setores.

Assim sendo, apresentamos nesse momento o Cieps, o modo como incubamos os empreendimentos e as pretensões com o desenvolvimento do projeto Curau. Daí, visualizamos a necessidade de avaliar os moradores a respeito da relevância das ações culturais que foram desenvolvidas no Curauzinho, assim, entrevistamos os assentados Juarez Moura e Flaviana Dias. Eles relataram como as atividades aconteceram e a importância sócio-educativa do plano.

O terceiro momento do documentário que relatou o Curauzinho consiste no depoimento dos coordenadores do grupo Periferarte, Antônio José da Trindade Neto e Juliana Trindade, estes que relataram como o centro cultural surgiu e o processo de fomento para a criação de oficinas que atendem crianças e adolescentes da periferia. Além disso, mencionaram a visão que ambos compreendem das ações desenvolvidas no assentamento, as observações levantadas a cerca das atividades elaboradas e magnitude em aplicar um plano cultural na linha tênue da relação entre grupos carentes urbanos e rurais.

A partir dos apontamentos do Periferarte, os integrantes do grupo de teatro Artimanha seguindo o mesmo posicionamento do letreiro anterior, expuseram a história de criação e o que assimilaram das ações desveladas no assentamento Emiliano Zapata. Após o posicionamento dos estudantes do Artimanha, apresentamos o depoimento do Deputado Federal Padre João, figura que acredita na importância social de desenvolver ações culturais com grupos rurais excluídos<sup>7</sup>.

Por acreditar que o projeto Curauzinho possui essência para os moradores dos assentamentos, entrevistamos algumas crianças da comunidade, uma delas que se destacou foi o Rycon Felipe Freitas Mota pela assiduidade nas atividades e participação nas demais (capoeira, teatro e cinema). Constatamos que as crianças encontraram nas atividades maneiras de aprender coisas novas, noções culturais que antes não existiam no assentamento e até mesmo entretenimento.

---

<sup>7</sup> Por meio da verba da emenda parlamentar conseguimos apoio financeiro para a execução do Projeto Curau.



---

Entre os letreiros e as falas apresentamos, também, no documentário os vídeos das atividades de lançamento, encerramento e as demais e fotografias tanto das ações, quanto do Coletivo de Agricultura Familiar e Camponesa, para demonstrar um pouco do cotidiano dos grupos. Contudo, transmitimos no material uma linha cronológica, inicialmente os grupos se apresentaram e relataram as percepções a respeito do Curauzinho, relatando a expectativa que o projeto Curau fosse executado na íntegra, em seguida passamos os vídeos intercalados com o depoimento dos grupos e das atividades de capoeira, dança, hip-hop, teatro e cinema, e para finalizar captamos o depoimento das crianças para que compreendêssemos o que eles esperavam para o Curau.

Com o roteiro definido e o planejamento esboçado, a equipe de comunicação do coletivo de cultura do Cieps partiu ao campo para de fato executar o projeto piloto. Motivada, a equipe preparou a divulgação da primeira atividade no Assentamento Emiliano Zapata disseminando pelas residências rurais cartazes do evento, bem como se utilizando do famoso e assertivo meio de comunicação, o boca-a-boca. É importante ressaltar que a comunicação no local é precária, visto que se trata de uma região distante da zona urbana e que praticamente não recebe sinais das antenas de celulares.

A primeira atividade ocorreu no dia 31 de agosto de 2013 às 14h, reunindo cerca de 50 pessoas na sede do Assentamento. O público, sempre atento a cada palavra, mostrou-se receptivo à ideia e empolgado para iniciar de fato as atividades. Tendo o público em sua maioria crianças, a ONG Perifearte iniciou as apresentações com uma mostra de capoeira. Logo após a roda de capoeira o grupo Periferarte prossegue as atividades buscando interação do público através de cantigas de roda e brincadeiras educativas. A apresentação de um grupo de rap, também da ONG, contagiou os assentados, que já estavam mais à vontade. Para finalizar as apresentações da ONG, houve uma mostra de dança de salão, atividade que animou o público mais velho. Encerrando as atividades de apresentação do Curauzinho, foi feito, pelo grupo Artimanha, uma breve encenação.

Desta forma, neste primeiro contato com o público, a ideia foi de estabelecer um *feedback* sobre a aceitação do projeto através de pequenas mostras das atividades, que posteriormente tornariam oficinas para os assentados. Após o término da mostra, o coletivo de cultura ali presente já esboçava animação com os resultados obtidos no primeiro dia. Tudo indicava para o sucesso do projeto piloto Curauzinho e, conseqüentemente para o também sucesso do projeto Curau.



---

A equipe de comunicação do coletivo de cultura documentou todas as atividades, fotografando e filmando, tendo como foco sempre o roteiro pré-estabelecido. No próximo dia útil seguinte à primeira atividade, o coletivo se reuniu para analisar a execução e viabilidade do projeto. Todos concordaram: foi um sucesso! Apesar de ter ocorrido dificuldades com o transporte, o Curauzinho apresentou-se viável, o que incentivou a equipe.

Assim, com o aceite do projeto pelo público, ficou definido que a cada 15 dias haveria oficinas de capoeira, dança de rua e de salão e teatro para os assentados do Emiliano Zapata; sempre aos sábados às 14h na sede do assentamento. E desta forma o projeto piloto guiou-se durante três meses totalizando cinco encontros. Todas as atividades seguiram, basicamente, a mesma estrutura do primeiro dia, com a diferença de que ao invés de apenas demonstrar a dança e o teatro, osicineiros passavam as suas experiências aos assentados a praticar tais atividades. A equipe de comunicação registrou cada atividade, sempre tomando nota das dificuldades e pontos a serem melhorados no projeto Curau.

Além dos encontros aos sábados, havia uma reunião semanal do coletivo de cultura para discutir o andamento do projeto piloto, sugerindo ideias e modificações para a preparação do Curau. Assim, o Curauzinho serviu como base para o planejamento do projeto maior, que se iniciou dia 26 de março de 2015, com uma mostra de canto, dança, capoeira e teatro.

### **Considerações**

A equipe do Cieps expandiu sua vertente de trabalho ao perceber que as áreas rurais necessitam de algo intangível e sem valor econômico: a inserção no ambiente cultural. Assim, para atender tal demanda, a incubadora criou um Coletivo de Cultura, composto por alguns membros do Cieps. A equipe decidiu realizar atividades quinzenais em um assentamento da região, o Emiliano Zapata, sendo que esta ideia seria um projeto piloto (Curauzinho) para a execução de um maior em 2015 (Curau).

Dentre os membros desse coletivo, estavam a Equipe de Comunicação, que nas primeiras reuniões idealizou a chance de documentar tais atividades. E é neste contexto que se enquadra no Cieps uma ramificação do jornalismo de resistência, a de colocar o ativismo caminhando junto com o jornalismo, voltando-se para uma causa social.

Constatou-se que os assentados, por viverem no campo, possuem dificuldades na inserção de projetos de lazer existentes na cidade. Além de morarem em um local distante, não há transporte adequado e a dificuldade financeira agrava o problema de acesso à cultura



dessas comunidades. A solução foi, portanto, ir até eles. Levar arte, cultura e entretenimento para aqueles que um dia lutaram para conquistar um pedaço de terra, mas que hoje, buscam outros direitos. Fazê-los perceber que vivem em uma comunidade através de um resgate histórico em peças teatrais e contações de história, os uniu de certa forma. As crianças aprenderam brincando que os pais delas um dia lutaram muito para estar onde estão.

Portanto, o aprendizado adquirido nesses três meses de projeto piloto foi mútuo: os assentados conheceram um pouco mais de produtos culturais, aprenderam sobre suas histórias e desenvolveram habilidades de danças e teatro; o Coletivo de Cultura da incubadora, por sua vez, percebeu o quão importante era estar no campo com algo para eles. A grandiosidade do projeto foi confirmada pela exposição do documentário desenvolvido pela equipe de comunicação na UFU, no dia 20 de março, com a presença dos assentados.

A construção do roteiro, a decisão de quem entrevistar e como fazê-lo, foi trabalhada pela equipe responsável com cuidado, para que no final, o trabalho transmitisse com lealdade todos os sentimentos e aprendizados durante os três meses de atividades. No fim, após editar e reeditar inúmeras vezes cortes de vídeos, revisar letreiros, áudio, cores, o resultado surpreendeu. A felicidade do público, os próprios assentados que participaram das atividades, assistindo cada imagem do documentário piloto era visível. No fim, todo o Coletivo de Cultura tinha apenas um pensamento: valeu à pena.

Concluimos que o objetivo da documentação destas atividades através de um documentário piloto foi uma ótima escolha, pois além de registrar o ocorrido, fizemos um resgate histórico do assentamento e disseminamos o trabalho de assessoria solidária desenvolvido pelo Cieps. A viabilidade do Curau foi aprovada, visto que o projeto piloto Curauzinho superou as expectativas. Houve alguns imprevistos e pequenos problemas, mas ambos viraram aprendizados para as ações que se iniciam em 2015..

Por fim, concluimos também que cada sorriso fotografado, cada gesto de gratidão captado pelas lentes da câmera, mostraram que estar ali, no campo, documentando atividades em um local que não tinha acesso à cultura, foi muito mais do que um simples experimento de audiovisual, foi de fato, a confirmação de que as questões culturais são as principais mantenedoras dos indivíduos no campo.

## REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel Gonzalez. Escola Cidadania e Participação no Campo. *Em Aberto*: órgão de divulgação técnica do Ministério da Educação e Cultura. Brasília: nº 9, Set., 1982.



BRAGA, C. L. de; POLLI, K.; ESPEIORIN, V. A. *Mudanças Culturais nas Comunidades Rurais da Antiga Região Colonial Italiana do Rio Grande do Sul*. In: X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul INTERCOM, 2009, Blumenau.

COVRE, Maria de Lourdes Manzini. *O que é cidadania*. São Paulo: Brasiliense, 2006.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade, in: DUARTE, Jorge & BARROS, Antonio. Orgs. *Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação*. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2006.

GONÇALVES, Gisela. *Questionamento à volta de três noções: grande cultura, cultura popular, e cultura de massas*. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/goncalves-gisela-Questionamento.pdf>. Acesso 26 mar 2014.

HENRIQUES, Márcio Simeone. (org.). *Comunicação e estratégias de mobilização social*, 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

FICHTER, J. H. Definições para uso didático. In: Fernades, Florestan. *Comunidade e Sociedade: leitura sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação*. SP, Ed Nacional, EDUSP, 1973.

MAYWALD, Fernando. *Áreas de preservação permanente e reserva legal em assentamentos rurais: adequação dos projetos de assentamento Flávia Nunes e canudos à Legislação Ambiental - Uberlândia (MG)*. Uberlândia, 2011.

PENA, Felipe. Tendências e alternativas, in *Teoria do jornalismo*. São Paulo: Contexto, 2005.

TRAVANCAS, Isabel. Fazendo etnografia no mundo da comunicação, in: DUARTE, Jorge & BARROS, Antonio. Orgs. *Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação*. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2006.

ZANDONADE, V.; FAGUNDES, M. C. de J. *O vídeo documentário como instrumento de mobilização social*. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/zandonade-vanessa-video-documentario.pdf>. Acesso 26 mar 2014.